

Produção
OG/PNEA - DEA/MMA - CGEA/MEC

Coordenação Editorial
Fabiana Mauro

Projeto Gráfico e Diagramação
Ricardo Veronezi Ferrão

Colaboração na análise dos textos
Laboratório de Investigações em Educação,
Ambiente e Sociedade/UFRJ

**Departamento de
Educação Ambiental**

Ministério do Meio Ambiente
Esplanada dos Ministérios, Bloco B, Sala 953
Brasília - DF - Brasil / CEP 70.068-900
Tel.: (61) 2028-1207 Fax.: (61) 2028-1757
e-mail: educambiental@mma.gov.br
ou sibea@mma.gov.br

COLECIONA

vol. 10/Ano 3
janeiro/fevereiro 2010

FICHÁRIO D@ EDUCADOR AMBIENTAL

TEXTOS PARA SE PENSAR A EA

- Educação Ambiental e Pedagogia da Complexidade nos Caminhos Amazônicos

PÁG. 3

AÇÕES E PROJETOS

- Escolas podem salvar a Mata Atlântica - Projeto "Mata Atlântica é qualidade de vida"
- Expedição Meu Velho Chico

PÁG. 7

AGENDA DA EA

- Eventos e Cursos para @ Educador Ambiental

PÁG. 15

INDICA-SE

- Livros e publicações voltados à Educação Ambiental

PÁG. 19

CADASTRE-SE

Caso tenha interesse em receber em seu endereço eletrônico este material, envie um e-mail para educambiental@mma.gov.br com o assunto: recebimento Coleciona: fichário do EA, ou por meio do blog Coleciona (<http://colecciona-ea.blogspot.com>).

COLABORE

O recebimento dos textos é um fluxo contínuo não havendo prazos para o envio dos mesmos.

DICAS PARA O ENVIO: Os textos devem ter no máximo quatro páginas, fonte *times new roman* 12, com espaço 1 1/2. Deve conter ainda o nome e minicurrículo do autor e bibliografia consultada.

Caso haja a necessidade de alterar o tamanho do documento ou seu conteúdo, o autor será notificado e a publicação se dará mediante aprovação do mesmo.

Envio: educambiental@mma.gov.br
Assunto: Artigo COLECIONA

OPINE

Envie sua opinião sobre o conteúdo e o formato deste material para educambiental@mma.gov.br, com o assunto: opinião Coleciona: fichário do EA ou por meio do blog Coleciona (<http://colecciona-ea.blogspot.com>). Se possível, nos comunique sobre seu envolvimento com atividades de Educação Ambiental.

Fica autorizada a publicação total ou parcial do conteúdo desta publicação, desde que citada a fonte.

O conteúdo dos eventos e cursos são de inteira responsabilidade de seus organizadores/coordenadores.

Educação Ambiental e Pedagogia da Complexidade nos Caminhos Amazônicos

Marcos Sorrentino *

Meu filho mais velho uma vez me perguntou “o que é complexidade”. Procurei responder-lhe olhando para a Praça onde estávamos e pedindo-lhe para descrevê-la. Após a sua descrição perguntei-lhe se o pipoqueiro a descreveria da mesma forma. E o casal de namorados? E o turista?... E o cachorro? E a árvore? Quando cheguei à árvore resolvi perguntar-lhe qual era o tamanho da praça; 10 mil m² ou um quarteirão? Mas, se computássemos a área das folhas das árvores somadas certamente isto se multiplicaria (milhares de vezes). E ainda perguntei-lhe como descreveria a Praça quem esteve aqui ontem ou estará amanhã? Nós mesmos faríamos a mesma descrição se estivesse chovendo? Ou se estivéssemos sentados em outro local, olhando-a sob outra perspectiva? Olhando para o solo, por exemplo, ou olhando-a do alto de um prédio, ou ainda, se estivéssemos tristes por algum acontecimento, ou se estivéssemos há três ou quatro décadas atrás?

Há inúmeras outras formas de compreendermos o que é complexidade.

Autores como Edgar Morin e outros têm contribuído para o desvelamento deste campo, permitindo a sua convergência com a questão educacional. Em “Os 7 saberes necessários à educação do futuro” ele aponta alguns caminhos, dentre os quais eu destacaria o da simplicidade sem simplificar/reduzir. Por exemplo, no caso de um ídolo ou de um presidiário, nossa tendência é reduzir a pessoa a sua característica mais marcante e esquecermos que além de ser um bom jogador de futebol ou um bom cantor ou além de ser um assaltante que cometeu um crime e foi preso, eles são pessoas que comem, bebem, se entristecem, gritam, choram, namoram, fazem xixi e cocô, ficam mal cheirosas quando não tomam banho e maravilhosas quando sorriem.

Outra característica da complexidade é o da polifonia da verdade; ela manifesta-se e é interpretada de múltiplas formas, mas nem por isto deixa de ser verdadeira. Para Hannah Arendt, que de livre memória cito, a verdade está associada à comunicação e tanto mais forte será quanto mais rigorosos formos na descrição do processo que nos levou àquela enunciação.

Ao buscarmos a simplicidade sem simplificar/reduzir, precisamos partir da diversidade e da polifonia da verdade para promovermos o diálogo empoderador, potencializador das pessoas e grupos sociais na construção de seus sonhos/utopias. Promover bons encontros que ampliem a capacidade de agir e pensar/compreender a realidade em todas as suas nuances e sutilezas.

Uma EA como pedagogia da complexidade exige, portanto, o diálogo entre saberes, cores e sabores. Exige o “eu sou eu, você é você e vejo flores em você”. Exige o revelar-se, o desvelar e o desvendar. Exige o exercício da outridade/alteridade/identidade. Saber quem sou é saber quem o outro é e vice-versa. Ver flores no outro exige gostar de si próprio, auto-estima, autoconhecimento, autocrítica.

Estive uma vez com as crianças das escolas rurais de Belterra/PA trazendo uma mensagem das de Piracicaba/SP, que queriam saber quais as frutas que elas mais apreciavam. Uva, maçã e morango foram, no primeiro momento, as vencedoras. Após insistir para que lembrassem os nomes de outras frutas que gostavam, vieram dezenas cujos nomes já davam idéia dos seus sabores, cores e cheiros, que dão água na boca e alegria na alma: umbu, cajá, cajá-manga, jambo, jambolão, goiaba branca, goiaba vermelha,...

A nossa conversa aí prosseguiu animada, pois ao verem que eu não conhecia muitas coisas que me falavam e estava curioso por saber mais sobre elas, passaram a relatar com detalhes as suas incursões na floresta e árvores, nos rios e igarapés, as brincadeiras do dia-a-dia, reforçando em mim a convicção sobre a importância de ouvir o outro para que ele se revele e nos ajude a desvendar a nossa própria ignorância ao desvelar outros universos.

Naquela mesma charmosa cidade de Belterra conheci a casa do Sr. Henry Ford. Ao lado da bela casa que construiu para o seu filho havia uma maravilhosa árvore de Taperebá.

Vendo aquela árvore e as dezenas de outras cujos frutos as crianças me apontaram como da sua convivência diária, comecei a pensar como foi equivocado aquele tal Ford. Ele esteve na Amazônia brasileira para extrair látex das seringueiras. Como a produção de borracha era um bom negócio, foi logo substituindo a floresta nativa por uma única espécie.

Alguns anos depois saiu do país endividado e deixando extensas áreas com uma monocultura devastada. Tomando um delicioso suco feito com os seus frutos e apreciando a beleza do local me pergunto: porque o sr. Ford não conseguiu perceber a beleza da diversidade de árvores, frutos, seivas, folhas, animais, princípios ativos, aerossóis e outros componentes da floresta? Quantas riquezas desperdiçadas. Quantas possibilidades de futuro e felicidade negligenciadas em nome de uma única forma de ver e olhar, de uma única perspectiva de desenvolvimento, de uma única ou hegemônica concepção de vida.

Adolf, o Hitler, quis apenas humanos loiros de olhos azuis. Henry, apenas seringueiras. Donald, batatinhas e hambúrgueres. Lee e Lewis, calças azuis e desbotadas. Mao, camponeses produtivos. Stalin, massas subservientes... Nenhum deles pode compreender a beleza do pequeno e diverso, como dele nos fala Schumaker, no livro "O negócio é ser pequeno". O anseio por poder fazer o que consideravam o mais acertado, obnubilou-lhes os sentidos, entorpeceu os pensamentos, endureceu o coração e distanciou-os da ternura pela vida.

O século passado foi marcado pelo desenvolvimento e progresso a qualquer preço. O cume de um processo que vinha sendo construído há pelo menos 500 anos no projeto de modernidade da humanidade europeia ocidental, que a tudo homogeneiza, simplifica e consome.

Mas hoje é imperativo aprender-se com tais acontecimentos e construir alternativas que valorizem a diversidade e possibilitem a inclusão de bilhões de humanos e projetos de humanidade hoje marginalizados e em situação de sofrimento e dificuldades de sobrevivência.

A valorização da diversidade biológica e sociocultural passa pela valorização da diversidade alimentar - além de batatinha inglesa, inhame, cará, mandioca, bardana e outras raízes; ao invés de apenas refrigerantes de largo consumo, sucos e sorvetes de frutas nativas - pela diversidade de indumentárias; de sotaques, dialetos e línguas nativas; de espécies na arborização e paisagismo urbano; de belezas diversas nas propagandas e programas na televisão; de ritmos e gêneros musicais nas festinhas do colégio; passando também pelo convívio do agricultor, do turista rural e de todos os indivíduos com alternativas de agricultura que incorporem o elemento arbóreo e áreas de florestas destinadas a conservação da diversidade - da minhoca e insetos aos mamíferos e aves; das bromélias e cipós às árvores e arbustos.

Como promover tais incrementos na percepção e valorização da diversidade em e com massas de humanos domesticados pela rotina e pelos fastfood, fastlove, videogames, televisão e computadores que nos deixam saturados de informações, mas imobilizados, inativos e sem criatividade para enfrentarmos os grandes desafios colocados pela contemporaneidade?

Ontem, fazendo compras na feira, parei para admirar a relação entre um feirante que distribuía gratuitamente pacotes de algodão doce colorido e as crianças que a ele se dirigiam para conseguir o seu. Um jovem pai que veio a feira com o seu filho parou ao meu lado durante um tempo e ao sair comentou "olha a simplicidade das coisas. Como elas estão felizes! Será que os governantes, os políticos, não percebem que ao invés de ficarem roubando milhões para se enriquecerem, deveriam propiciar este tipo de coisa para as pessoas". Não consegui expressar em palavras a emoção que senti. Poderíamos iniciar um debate procurando melhor compreender a pobreza e as suas causas; e a política e os políticos; a felicidade humana e a generosidade e muitas outras questões, mas quero apenas ficar na simplicidade das coisas e na sua importância para as nossas vidas.

Uma pedagogia da complexidade, especialmente na e a partir da Amazônia significa aprendermos com a realidade. Despirmos-nos dos preconceitos e teorias prontas. Exercitarmos um olhar pesquisante, indagador, curioso, aberto ao novo, sem perguntas prontas, mas formulador de perguntas, atencioso, honesto, íntegro, dialógico. Talvez a palavra diálogo expresse melhor do que qualquer outra esta Pedagogia da Complexidade que será capaz de nos educar ambientalmente, no Brasil, em qualquer parte do Planeta, mas especialmente na Amazônia e a partir dos aprendizados que nos propicia a Amazônia.

Diversidade e respeito à VIDA exigem adesão incondicional ao outro. Exigem percebermos-nos membros de uma comunidade de humanos e não humanos com vínculos inalienáveis, e insubstituíveis, não descartáveis, para toda a vida. Quando temos um filho, sabemos que é um compromisso para a vida toda. Por amá-lo com ele dialogamos emitindo nossas opiniões. Discordamos, às vezes brigamos, ficamos tristes e alegres com a relação, mas dificilmente diremos, sinceramente, "tô fora", ou "para que eu quero descer", ou ainda "faça o que quiser que não me importo". Os conflitos farão parte do nosso compromisso com o seu desenvolvimento e com o amadurecimento da relação.

O mesmo pode se dar em nossa relação com a Terra, com a natureza e a VIDA, com a sociedade e os grupos sociais que partilhamos. Com eles precisamos e podemos dialogar pelo compromisso com o Bem Comum. Nas Comunidades de Vida e de Sentido podemos encontrar e/ou forjar a nossa Comunidade de Destino, exercitando-nos como Comunidades Interpretativas e de Aprendizagem onde construiremos juntos o nosso projeto de futuro.

A política pública de Educação Ambiental que vem sendo implementada no Brasil desde 2003, pelo seu Órgão Gestor, incita a criação de Coletivos Educadores que aproximem para o diálogo os distintos atores do campo. O diálogo questionador das obviedades do modelo hegemônico e valorizador dos saberes e sabores locais. Que traz a conservação da natureza junto com a melhoria da qualidade de vida dos humanos, através da geração de empregos, trabalho e renda, mas também através do questionamento das necessidades materiais simbólicas, estimulando a expressão dos sonhos e o debate das distintas perspectivas de felicidade que se colocam para cada um/uma, para o grupo e para a sociedade.

Partindo destas premissas é que poderemos encontrar os Caminhos Amazônicos. Caso contrário, repetiremos uma vez mais a história de desenvolvimento e de uma educação pautada pela exclusão, homogeneização, marginalização, miséria, depressão e medo.

Desejamos a todos uma jornada repleta de aprendizados comprometidos com a construção de um Brasil e uma Terra melhor e de Todos.

* Marcos Sorrentino foi diretor do Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente. Professor doutor da Universidade de São Paulo, no Campus da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, no Departamento de Ciências Florestais. Fundador e participante de diversas organizações ambientalistas e de educação ambiental.



Escolas podem salvar a Mata Atlântica - Projeto “Mata Atlântica é qualidade de vida”

Germano Woehl Jr¹, Elza Nishimura Woehl²

Conhecendo o projeto

Dentre os diversos projetos de educação ambiental executados pelo Instituto Rã-bugio merece destaque o projeto “Mata Atlântica é qualidade de vida”, patrocinado pela Johnson & Johnson e propõe a execução de um Programa de Educação Ambiental, envolvendo escolas públicas no município de São José dos Campos (SP). Durante o primeiro ano, serão 4.000 estudantes atendidos em trilhas interpretativas em meio a Mata Atlântica.

O Projeto “Mata Atlântica é qualidade de vida” tem como objetivo o desenvolvimento de um amplo programa de educação ambiental envolvendo as escolas públicas de São José dos Campos (SP), sobre a importância dos serviços ambientais da Mata Atlântica, sobretudo na proteção dos mananciais e da biodiversidade.

Trilhas interpretativas com estudantes

Uma maneira eficiente de promover a educação ambiental é aproximar as pessoas da natureza, por meio da interpretação de trilhas. Ao participar de trilhas interpretativas, os estudantes aprendem a valorizar e reconhecer a importância da Mata Atlântica como um ecossistema que precisa ser conservado para garantir a qualidade de vida de todos os seres vivos. As trilhas interpretativas realizadas pelo Instituto Rã-bugio são monitoradas por educadores, que abordam os serviços ambientais prestados pela Mata Atlântica. Além disso, são destacados alguns componentes da biodiversidade e as relações existentes para a manutenção do equilíbrio ecológico.

O Instituto Rã-bugio já atendeu mais de 25 mil estudantes em trilhas interpretativas em meio a Mata Atlântica, elaborou e publicou cartilhas educativas, apresentou mais de uma centena de palestras para alunos e professores e publicou inúmeros artigos científicos.

“Nós acreditamos que estes jovens podem mudar o destino da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica. Estamos apostando tudo neles”, diz Germano Woehl Jr., diretor da ONG.

Os estudantes ficam fascinados quando entram na mata e se interessam muito em aprender como funciona um ecossistema, as relações das plantas e animais. Nada escapa da atenção deles. Geralmente são eles que visualizam os bichos mais fascinantes na trilha, como um inseto camuflado sobre o tronco de uma árvore ou um pequeno vertebrado e fazem perguntas sobre o animal localizado. Então, o monitor está preparado para explicar sobre a função ecológica do bicho, sua relação com as plantas e outras curiosidades.

Os fragmentos de floresta que ainda restam próximos aos centros urbanos, mesmo pequenos, não importa o tamanho, servem como uma verdadeira sala de aula para levar os estudantes. Essas atividades ao ar livre contribuem muito para o aprendizado e estimular os jovens a defender as matas que ainda restam, pois descobrem, na prática, vendo com os próprios olhos, que estão cheias de vida, abrigam uma fabulosa diversidade de plantas e animais.

Mais informação: <http://www.ra-bugio.org.br/projetosemandamento.php>

* Germano Woehl Jr e Elza Nishimura Woehl são casados e diretores da ONG Instituto Rã-bugio. Eles se conheceram quando ainda eram estudantes de Física na Universidade Federal do Paraná. Atualmente, ele trabalha como pesquisador do Departamento de Fotônica do Instituto de Estudos Avançados do Centro Técnico Aeroespacial em São José dos Campos e Elza atua no Santuário Rã-bugio, em Guaramirim, em Santa Catarina.



Expedição Meu Velho Chico

João Carlos Figueiredo*

O Rio São Francisco, o Velho Chico, também conhecido como o “rio da integração nacional”, tem sua nascente histórica localizada na Serra da Canastra, no sudoeste do Estado de Minas Gerais. Percorre os territórios de Minas Gerais e Bahia, de sul a norte, e faz a divisa dos estados da Bahia e Pernambuco, e de Alagoas e Sergipe, desaguando no Oceano Atlântico, depois de percorrer cerca de 2.800 km em território nacional.

Atualmente, um projeto de transposição de parte de suas águas para os áridos sertões nordestinos vem alimentando extensas discussões acerca da viabilidade econômica e dos impactos ambientais que poderá causar à região. A questão se agrava quando consideramos o estado de degradação das matas ciliares em toda a extensão do rio, o assoreamento de seu leito e o efetivo resultado do desvio de suas águas, nas expectativas de mudanças climáticas para a região.

É neste contexto que se insere nosso projeto de navegação fluvial a remo, que teve início em Vargem Bonita, em Minas Gerais, próximo da cachoeira Casca Danta, depois de percorrer a trilha desde a nascente, seguindo em canoa canadense por cerca de 400 km até a entrada do lago de Três Marias, e prosseguiu até a sua foz, na divisa de Alagoas e Sergipe. Cheguei a Piaçabuçu no dia 07/12/2009 depois de 99 dias no rio.

Além desse objetivo primordial, nosso propósito também foi o de registrar e documentar as ocorrências de degradação ambiental verificadas “in loco”, através de relatos, depoimentos, fotografias e filmagem; e ainda avaliar, por meio de entrevistas, o grau de comprometimento da população ribeirinha com a preservação de seu principal rio, documentando a cultura e o folclore regionais associados ao rio São Francisco.

Na região do Parque Nacional “Cavernas de Peruaçu” pretendíamos realizar visitas a algumas de suas cavernas, com o propósito de conhecer, documentar e divulgar as riquezas do Parque Nacional, e verificar o estágio atual de implantação do seu Plano de Manejo, bem como seu potencial turístico e espeleológico. Infelizmente, por falta de apoio da prefeitura de Itacarambi e do próprio Ibama, essa visita não se concretizou.

Um documento eletrônico intitulado “Protocolo do São Francisco” foi elaborado, com o propósito de coletar assinaturas de autoridades, estudantes, empresários, professores e comunidade ribeirinha, conclamando-os a se comprometer com a preservação ambiental, através de ações saneadoras e de conscientização ambiental. Esse documento, ao final da expedição, no próximo dia 01/02/2010 será encaminhado às autoridades federais, estaduais e municipais, às organizações não governamentais e à imprensa, de modo a assegurar esse comprometimento.

Agora, finda a expedição, um livro-documentário ilustrado será produzido, avaliando as condições encontradas durante o percurso do rio São Francisco, quanto à preservação ambiental, comprometimento político de governadores, prefeitos e vereadores, e conscientização da população ribeirinha quanto à importância e participação do São Francisco em suas vidas. Pretendemos lançá-lo no mês de agosto/2010 na Adventure Sports Fair.

Finalmente, apresentamos palestras de conscientização ambiental nas localidades ribeirinhas visitadas, colaborando para a formação de uma consciência ecológica que contribua para a recuperação das áreas degradadas e para a preservação do rio, da flora, da fauna, e da população. Com isso pretendíamos associar nossa presença a campanhas regionais e nacionais de preservação ambiental.

Missão Cumprida!

A sensação de terminar um projeto tão longo, com tantas e diferentes dificuldades, sem patrocínio e apoio oficial de nenhuma organização, desconhecido pela grande mídia, é indescritível! Consegui vencer por meu próprio mérito e pelo apoio conquistado pelo caminho...

Os três últimos dias foram particularmente difíceis... depois que deixei aquela linda praia de Gararu segui em direção a Porto Real do Colégio e Propriá. Saí de madrugada, ainda noite, para evitar os fortes ventos e a agitação do rio, cada dia mais intensos.

O rio estava plácido, dormindo, como diz a lenda, e o barco deslizava rápido por aquele lago noturno. Logo passei por Traipu... fiz umas fotos sem graça e segui adiante. O que mudou muito na paisagem, desde Xingó, é que agora as ilhas eram pequenas, baixas e cobertas por uma densa vegetação aquática, arbustos verdes...

O rio voltou a ser largo, mas a água continuava límpida e verde esmeralda. No entanto, essa vegetação aquática, muitas vezes submersa e formada por algas longas, quando exposta ao sol apresenta cheiro desagradável.

Quando me aproximei de Porto Real do Colégio ouvi fogos e muita música, embarcações com grandes velas coloridas e “gaiolas” de todos os tamanhos. O barco da “família real” já havia passado por mim e quase me afundara na noite anterior. Por isso, fiquei atento, tentando evitar as fortes ondas que eles fazem ao passar. Havia uma grande estátua no meio do rio e parei de remar para fotografá-la; isso me custou caro, pois as ondas eram fortes, e tive que fazer manobras rápidas para evitar ser apanhado por elas...

Não consegui parar na cidade, nem atravessar até Propriá, porque a algazarra era demais para meus hábitos solitários e o rio estava violento. Pouco antes da grande ponte da BR 101 parei sob umas árvores para descansar. Amarrei o barco como pude e fiquei apreciando o vai-e-vem de barcos, alguns rápidos e movidos a vela, outros lentos, com motor de rabeta, rangendo e lutando contra a correnteza e as ondas.

Fiquei algumas horas parado, analisando as alternativas: por baixo da ponte, a densa vegetação e inúmeras ilhas não me permitiam compreender o caminho; pensei em passar a noite ali, pois o barco estava estabilizado e era um local tranquilo e protegido.

Porém, na ânsia de prosseguir e chegar o mais breve possível até o final, decidi arriscar a sorte e prosseguir. Eram 12 horas. Uma hora e meia depois, lutando contra as águas raivosas do rio, sendo jogado ora para um lado, ora para outro, fazendo manobras bruscas para evitar que o barco girasse sobre si mesmo e eu perdesse o controle, usando todas as minhas forças inutilmente, eu andara menos de dois quilômetros e apenas passara por baixo da ponte... os sons da cidade ainda eram fortes.

Tentei encostar em um barranco e acampar, mesmo em um pasto, mas a canoa batia na lama do barranco sem vegetação e as formigas me devoravam enquanto eu tentava encontrar um meio de retirar as tralhas. Depois de algumas tentativas frustradas, desisti e voltei para a tormenta. Lembrava-me do filme “Mar em Fúria”... esse era o meu “rio em fúria”, mantidas as proporções... meu barquinho, uma “casca de noz”, era jogado sem piedade!

Progredia de forma insignificante, mas precisava encontrar algum lugar protegido no meio daquela barreira de terra destruída. Uns 200 metros adiante vi uma pequena moita de calumbi e capim, e me apeguei a essa possibilidade. Remava com todas as minhas forças e, alguns minutos depois, joguei o barco de lado, forçando-o contra o capim e lá me refugiei, apesar dos espinhos e insetos.

Era evidente a ação protetora daquela simples vegetação para o barranco! As ondas e a correnteza eram domados por uma pequena moita de arbustos... mas os estúpidos fazendeiros continuam a devastar até o último pé de capim, mesmo que o rio venha a cobrar o seu tributo, levando as terras para dentro de seu leito e retirando o medíocre ganho de espaço conquistado pela ganância desses homens.

Amarrei precariamente o barco e me ajeitei como pude no pequeno espaço interno. Sabia que a espera seria longa e cansativa, pois o rio só adormece depois da meia-noite. E ainda teria que esperar pela luz da lua, cada vez mais tardia... já era quarto-minguante e sua tênue luminosidade ainda permitia navegar.

Saí de lá às duas horas da madrugada, sem dormir, sem comer e picado pelos insetos, com o corpo todo dolorido da incômoda posição. O rio voltara a ser calmo e meu barco parecia um caiaque, deslizando célere pela lagoa encantada em que se transformara o meu “Velho Chico”.

Remei intensamente, cada vez mais motivado pela possibilidade de encerrar a expedição. Mas o céu se cobria de pesadas nuvens e a visão do rio era precária. Felizmente, não havia nenhuma outra embarcação com a qual eu pudesse me chocar inadvertidamente. Éramos apenas eu, quebrando a magia do lago e o silêncio do caminho, com minhas remadas compassadas e firmes...

De repente, começou a chover. Olhei para o céu e era tudo nuvens, densas e carregadas. Tive receio de uma tempestade: vento e chuva seriam os ingredientes ideais de uma tragédia, pois ali, a mata era um só manto

negro nas margens do rio...

Felizmente, a chuva cessou tão rápido quanto viera, e eu continuava remando com todas as forças. Pela manhã, ao nascer do sol, eu já estava em Penedo, uma cidade curiosa, protegida por uma espécie de enseada longa e curva, que me obrigara a atravessar para a margem direita, contornar o “istmo” e retornar à margem esquerda. A escuridão fazia tudo parecer misterioso... via imagens e as interpretava conforme meu sentimento, às vezes imaginando cenas inexistentes, outras valorizando detalhes insignificantes...

Havia algum movimento de barcos de pescadores e uma balsa, que levava carros, pessoas e mercadorias para o outro lado, onde também havia um povoado. Luzes coloridas, piscando intermitentemente, e música indicavam o final de uma festa, talvez a mesma que agitava Porto Real e Propriá...

Pensei em talvez encontrar algum bar ou quiosque ainda aberto, com aqueles bebedores renitentes, onde poderia encontrar comida... talvez até uma padaria, pois a fome estava me alertando sobre o vazio em meu estômago. Mas não havia nada! O som ecoava no vazio da noite e decidi parar o barco ao lado da balsa, sob um poste iluminado. Tomei dois goles de mel; era o que estava à mão naquele momento.

Um pescador se aproximou e “puxou conversa”. Perguntou de onde eu vinha, de que era feito meu barco e coisas assim... e se eu achara os ventos fortes até então, é porque não conhecia o que haveria adiante! É que a proximidade do mar agora influenciava o rio e, na maré enchente, ele avançava por quilômetros, criando ondas mais fortes e mais altas, além do vento incessante.

Eram seis horas da manhã quando saí de Penedo. Já ventava um pouco e havia uma sucessão de ondas vindo em minha direção, mas eu progredia bem e não me importei com o esforço extra.

Às sete horas encontrei uma região belíssima - acho que o nome é “Marutaba” ou “Marituba” - com ilhas e margens cobertas de rica vegetação. Pela primeira vez desde Paulo Afonso eu voltava a ver e ouvir os pássaros! A água parou e as ondas desapareceram, como por encanto. Pois era assim que eu me sentia, encantado com aquele paraíso; reduzi a marcha e comecei a passear pelo rio, pura meditação em movimento... era como uma espiral, girando sobre si mesma, e escolhi o caminho mais longo para apreciar essa maravilha!

Alguns pescadores jogavam suas tarrafas e os peixes saltavam ao meu redor. Mas, aos poucos, percebi que boa parte daquele lugar já havia sido profanada! Nas ilhas, por detrás das matas, plantações de coqueiros; nas margens, depois da estreita vegetação, o gado tomava conta de tudo!

Sentia o cheiro de mata queimada e molhada pela chuva e, logo depois, uma grande extensão de terra desolada pelo fogo recente, os troncos enegrecidos e retorcidos, à margem do rio... o encanto se quebrou... ainda vi algumas belezas, como um trecho de areia branca, quase à superfície da água; depois uma enorme vegetação de algas submersas, balançando-se ao movimento do rio... e mais nada!

Voltei ao rio, normal e agitado pelos ventos. A chuva também voltou e temia não conseguir chegar a Piaçabuçu antes do vendaval. Já passava das nove horas e teria ainda cerca de 15 quilômetros pela frente, pelas marcações do GPS. O vento aumentou depressa e resolvi parar, pois estava exausto! Encostei sob umas árvores e fixei a canoa. Desci e limpei o lugar, pensando na possibilidade de pernoitar ali. Pelo menos não havia formigas, e tinha até uma minúscula praia para eu tomar um banho. Mas não tinha espaço para armar a barraca e teria que dormir no barco pela segunda noite consecutiva; isso me incomodava...

Aproveitei para colocar tudo em ordem: pendurei a toalha e a rede, tirei a água do barco, tomei banho e falei com minhas filhas, dizendo que poderia me atrasar bastante. Muitos barcos passavam por mim e confesso que tive muita vontade de “pegar carona” e chegar logo ao meu destino...

Segui adiante uma hora mais tarde, quando o vento diminuiu de intensidade. Estava perto de Brejo Grande, a última cidade de Sergipe antes da foz. Mas tive que parar novamente, pois voltou a ameaçar chuva e o vento aumentou bruscamente. Encontrei um abrigo e cobri a canoa com a lona do acampamento. Preparei um leite com chocolate e estava já decidido a ficar por ali mesmo.

Mas depois de algum tempo, perto do meio-dia, resolvi retomar a viagem. Lembrei-me das marés e pensei que, agora, na vazante, elas poderiam me ajudar, puxando o barco com a água do rio em direção ao mar. De fato, apesar do vento e de algumas ondas, o barco voltou a progredir e andar rápido. Era curiosa a ilusão óptica: remando contra as ondas, o rio parecia subir uma leve ladeira! Havia muitos aguapés nas margens.

Passei por um lugar apelidado de “Penedinho”, uma espécie de clube de campo com várias casas, muitos barcos e até “jet-ski”! As propriedades colocaram cercas de arame farpado dentro do rio, impedindo os barcos de atracar! Um absurdo inaceitável! O rio é de todos, uma concessão de uso! No dia anterior eu tinha sido atacado

por dois “hotweiller” em uma propriedade dessas, casa de luxo, talvez um marajá da era Collor... agora me mantinha distante da margem, por precaução...

Avistei Piaçabuçu às 13 horas. Bem antes de chegar à cidade, uma longa sucessão de barcos evidenciava uma vila de pescadores. O rio voltou a se agitar, mas agora, com essa visão de “fita de chegada” nada mais me seguraria! Remei intensamente, não me importando com as ondas que faziam a popa do barco se levantar e bater com força nas águas... até gostava desse barulho!

Cheguei a Piaçabuçu e observei o portal à frente, onde se descortinaria o mar... estava, finalmente, no final de minha jornada! Consegui vencer! Uma sensação indescritível!

Parei para me orientar e um pescador me informou que havia uma pousada logo à frente. Segui margeando a orla, que se contorcia à esquerda, alargando o rio antes de se lançar no oceano.

Muitos barquinhos coloridos estavam ancorados na baía, à frente de uma parede de contenção. Logo avistei a pousada e, finalmente, ancorei. Podia comemorar!

Estava completada a expedição que durou 99 dias de atividades intensas, três meses parado em Três Marias, cinco meses de planejamento, uma despesa enorme que consumiu todos os meus recursos e muito mais, e um ano inteiro dedicado ao rio que deveria ser tratado com dignidade, motivo de orgulho de todos os brasileiros.

No entanto, o sentimento que me resta é uma tristeza enorme pelo descaso do poder público em todas as suas esferas, a ignorância extrema de fazendeiros e pequenos agricultores, a falta de planejamento para a propalada revitalização, e o alarde eleitoral de uma grande obra que, ao invés de atender às carências dos ribeirinhos, levará as águas do Velho Chico para outras bacias do Nordeste, para as grandes cidades, para a agro-indústria, mas não para a população rural, de 12 milhões de pessoas, que continuarão dependendo dos carros-pipa para poder sobreviver!

A transposição não resolverá os problemas do semi-árido porque quem a projetou não sabe o que é o Sertão, como vive esse povo, do que ele, de fato, necessita para recuperar esse atraso tecnológico e cultural em que se encontra.

A sensação que eu tive ao visitar a maioria das comunidades, principalmente do oeste baiano, é de uma volta ao passado, cinquenta anos atrás, na época da minha infância. Casas de taipa, carros de boi, nenhuma oferta de cultura, economia de escambo ou predatória, pessoas sem perspectivas ou ambição, desemprego, intensos conflitos de terra, exploração da ignorância pelos apelos da fé e das promessas de políticos corruptos, cidades que não tem receita para reverter esse quadro lastimável!

Com a falta de oportunidades e de emprego, os poucos filhos dessa terra que saem para estudar e conseguem uma formação superior abandonam seu lar ancestral e seguem para os grandes centros urbanos.

Centenas de minúsculas comunidades vivem nesse espaço sem perspectivas, e sua única ambição é um pouco de água, um pedaço de chão e condições de cultivar seus alimentos e cuidar da criação. Rezam para que a chuva chegue a tempo de molhar sua plantação para que possam alimentar sua prole que, não raro, se compõe de seis, oito, dez filhos, uma pequena criação de cabras, algumas galinhas, uns poucos porcos, uma ou duas vacas, todos criados soltos, partilhando de sua vida camponesa.

As “ONGs” que aqui atuam incendeiam esse cadinho de tensões sociais, que derrama sua lava nas lutas pela terra, sua ocupação e posse definitiva, conquistada, às vezes, sem eliminar os conflitos.

Algumas comunidades afirmam ser quilombolas ou indígenas para agilizar a pesada e ineficiente máquina federal, ainda que suas feições sejam as mesmas de todo o povo sertanejo, e quase todos tenham perdido a memória de seus antepassados, sua língua ancestral, seus costumes, suas crenças, sua história, enfim.

A quem interessa essa pobreza imensa? Às igrejas de todos os cultos, que asseguram seus “rebanhos”, aos políticos de todos os matizes, que a transforma em mote eleitoral na sucessão dos anos, aos movimentos sociais e às “ongs”, que delas, as pessoas, fazem sua bandeira e sua luta. E, com isso, o semi-árido, verdadeira nação são-franciscana, se esfacela em um misto de fé inabalável e em sua única expectativa de redenção, depois desta vida...

E, com isso, o rio caminha para a sua própria morte, das águas, dos povos, dos animais e da vida em todas as suas manifestações naturais e selvagens. O que será desse povo quando o rio não for mais capaz de se sustentar e mergulhar na entropia irreversível da auto-destruição?

Talvez a culpa seja atribuída ao passado, mas é no presente que agem, intensas, essas forças da destruição. E assim como os demais biomas nacionais, vamos dizimando a Natureza, consumindo as riquezas de nossa redenção.

Somos o país mais rico do mundo em bio-diversidades, em hidrologia, em miscigenação racial, em sincretismo religioso... mas não somos capazes de preservá-los e de utilizá-los como alavanca de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, sem demagogias ou mentiras.

Ainda assim, depois de transformar o meu Velho Chico em minha morada e paixão por tanto tempo, posso afirmar que esta foi a maior e mais intensa experiência de minha vida, em aprendizado, em transformações intelectuais, pessoais e definitivas.

Se saberei convertê-las em um produto cultural, se minhas palavras se converterão em um livro, se esse livro influenciará pessoas e influirá em outros destinos, só o futuro me responderá.

Mesmo que nada mais aconteça, eu me transformei, perdi minhas poucas vaidades, fiz dessa expedição um processo peregrino e missionário, e influenciei meu futuro e meu destino. E posso afirmar que valeu a pena!

Faria tudo de novo?

Certamente, não! Porque assim como as águas que nascem da Canastra nunca são as mesmas, ainda que voltasse a cada uma dessas localidades por onde passei, e percorresse os mesmos caminhos, meus olhos já não seriam os mesmos e contemplariam tudo de modo diferente, mais amadurecido, talvez, menos extasiados, certamente, mas com outros sentimentos, diferentes até na perplexidade e no encantamento que só existem no primeiro encontro.

Sou, portanto, mais uma vítima desse rio, um apaixonado que vê a sua amada sendo estuprada pela ganância e pelos interesses mesquinhos e imediatistas que a levarão à morte inevitável e cruel...

fonte: <http://meuvelhochico.blogspot.com/>

* João Carlos Figueiredo é ambientalista.



Eventos

II Mostra Nacional de Produção de Audiovisual Independente CIRCUITO TELA VERDE

Encerra dia 31 de março o prazo para envio dos curtas-metragens que serão selecionados para comporem o kit da Mostra Tela Verde. Organizado pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, a Mostra acontece em todo o país estimulando o debate sobre as questões socioambientais.

Os filmes devem ser produzidos em processo educ comunicativo, ou seja, em conjunto com a comunidade, e abordar a temática socioambiental. Estruturas educadoras como Salas Verdes, Pontos de Cultura, Coletivos Educadores, bem como redes como Rejuma, Com-Vidas e escolas também podem participar orientando e encaminhando suas produções. Para tanto, serão aceitos vídeos produzidos com os mais diversos recursos: filmadora, câmera de celular com boa resolução, câmera digital.

Já aqueles que optarem por participar da Mostra como espaço exibidor, deverão preencher ficha disponível no blog do projeto e ou no site do MMA.

O Circuito Tela Verde é uma mostra nacional de produções audiovisuais sobre experiências de projetos de educação ambiental, opiniões, visões de mundo e modos de vida dos membros de comunidades locais sobre o meio ambiente, os problemas e as responsabilidades ambientais, para exibição em espaços educadores como Salas Verdes, Pontos de Cultura, Coletivos Educadores, cineclubes, escolas, cooperativas. Utilizando metodologias de educação comunicativa, os filmes devem servir de subsídio para o debate, trazendo uma importante contribuição para compreender como as comunidades tomam parte nos processos da gestão ambiental pública, bem como estimular suas participações nos processos locais.

Informações: <http://circuitotelaverde.blogspot.com/> ou <http://www.mma.gov.br/ea>

I Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada a Gestão Territorial

Local: Universidade Federal do Ceará/UFC - Auditório do Departamento de Geografia - Campus do Pici - Fortaleza, Ceará

Período: 22 a 24/04/2010

Os trabalhos na modalidade de completos deverão ser enviados do dia 02 de dezembro de 2009 a 05 de abril de 2010.

Informações: Telefone: (85) 3366-9856 (Laboratório de Climatologia e Recursos Hídricos - UFC)

e-mail: educambiental2010@gmail.com

CIEPG -II Congresso Internacional de Educação

Ponta Grossa / Paraná / 2010

Data: de 27 a 29 de maio de 2010

O CIEPG - Congresso Internacional de Educação, realizado em Ponta Grossa, é resultado da necessidade de um espaço direcionado a temas ligados à Educação. A proposta é estimular a troca de ideias, uma articulação de informações, experiências e conhecimentos entre os professores, pesquisadores, acadêmicos, profissionais e interessando na temática do evento. Com este propósito o ISAPG - Instituto Sul-Americano de Pós-Graduação, Ensino e Tecnologia e a UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa, organizam e apresentam o evento.

Objetivo Geral:

- Criar um espaço positivo e propício para a troca de informações, experiências e conhecimento entre os professores, pesquisadores, estudantes, profissionais de educação, áreas correlatas e aos interessados na temática do evento.

Objetivos Específicos:

- Promover o despertar de novas formas e ideias que contribuam para o ensino e aprendizagem de forma acertiva e inclusiva;
- Criar um espaço de profissionais e pesquisadores que apresentem o resultado de seus estudos e pesquisas, provocando uma troca de experiências dentro dos doze eixos temáticos relacionados à Educação;
- Facilitar o acesso aos temas atuais que permeiam a Educação, por meio de mesa redonda, palestras técnicas, com professores doutores, cujo saber é reconhecido mundialmente;
- Estimular a produção de trabalhos científicos e processos inovadores que propulsionem a pesquisa e o desenvolvimento intelectual em Educação e áreas correlatas;
- Promover reflexões de ordem científica e técnica, favoráveis à construção das práticas pedagógicas úteis à Educação;
- Propagar uma informação por meio de recursos que facilitem uma divulgação dos trabalhos científicos e processos inovadores nos seguintes Eixos Temáticos: 1. Avaliação da Aprendizagem Escolar; 2. Currículo; 3. Educação e Meio Ambiente; 4. Educação e Movimentos Sociais; 5. Educação e Tecnologias da informação e comunicação (TIC); 6. Educação, diferenças e inclusão; 7. Educação, Cultura e Sociedade; 8. Educação, trabalho e ensino profissionalizante; 9. Estado, Políticas públicas e educação; 10. Organização e administração do trabalho docente; 11. Práticas de ensino de conteúdos específicos; 12. Profissão Docente e Formação de Educadores;
- Permitir o fortalecimento e ampliação das redes de relacionamentos entre os participantes, fortalecendo o elo entre o meio educacional, científico e a prática pedagógica.

Justificativa:

O CIEPG - Congresso Internacional de Educação é um evento que busca trazer à discussão temas de grande relevância bem como relembrar e aprofundar conhecimentos e ampliar a troca de experiências entre os congressistas das várias Instituições.

O evento está estruturado em sessões da seguinte natureza:

Sessões Técnicas:

Constituídas por apresentações de artigos através de pôsteres / slides, que objetivam a troca de experiências das diversas áreas do saber que envolvem a Educação.

Palestras:

Abordam temas emergentes como englobando diversas áreas da Educação, visando proporcionar uma atualização contínua aos congressistas.

Palestra Internacional:

Irá propiciar aos congressistas uma troca de experiências e terá como base o tema profissionalização docente.

Público-Alvo:

Professores, pesquisadores, acadêmicos, empresários, profissionais das diversas áreas da educação, áreas correlatas e interessados na temática do evento.

Apoio: Planeta Voluntários / ISAPG – Instituto Sul-Americano de Pós-Graduação, Ensino e Tecnologia

Informações: <http://www.isapg.com.br/2010/ciepg>

e-mail: contato@isapg.com.br

X Encontro Verde das Américas - GREENMEETING

Data: 25, 26 e 27 de maio de 2010

Local: Teatro SESIMINAS - Belo Horizonte/MG

Objetivo:

“Em Busca de Soluções”, o objetivo do X Encontro Verde das Américas, também chamado de Greenmeeting, é buscar soluções para os problemas ambientais locais e globais, com discussões concretas e objetivas, envolvendo o maior número de instituições e segmentos da sociedade, do Brasil e do exterior. Ampliar o seu alcance e democratizar as discussões para além dos segmentos governamentais, técnicos e acadêmicos, trazendo à luz as experiências bem sucedidas que permitam a sua aplicação em áreas com problemas similares.

O Encontro apresentará uma dinâmica objetiva, com palestras sobre assuntos atuais, polêmicos e necessários, ministradas por nomes com grande projeção nos assuntos propostos. A prioridade será para projetos, nacionais e internacionais, bem sucedidos e inovadores, que possam contribuir direta e indiretamente para o desenvolvimento e a solução dos problemas socioambientais e econômicos do planeta.

Despertar a consciência ecológica e socioambiental continua sendo um importante objetivo focalizado a partir dos temas expostos, debates e troca de informações e experiências, favorecida pelo encontro com pessoas de vários setores da vida pública e privada, envolvidas de uma forma ou de outra com as questões ambientais.

Público-Alvo:

O público-alvo, convidado para o X Encontro Verde das Américas 2010, compreende as lideranças ambientais, imprensa, autoridades de vários países, tecnólogos, representantes de empresas e autarquias, órgãos ambientais em diversos níveis, professores e alunos universitários, pesquisadores e representantes de instituições nacionais e internacionais, bem como diplomatas de vários continentes.

Credenciamento; <http://www.greenmeeting.org/credenciamento.php>

Informações: <http://www.greenmeeting.org/>

Vagas para curso sobre Educomunicação

O Programa de Educomunicação da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo dá um passo a mais no sentido de consolidar o conceito e as práticas educomunicativas. A partir de março de 2010, estão sendo oferecidas 700 vagas para um curso de formação destinado a professores e educadores das 13 Diretorias Regionais de Educação (DRE).

Curso:

A proposta do curso, com duração de 30 horas, é capacitar professores para atuarem como “Mediadores de Comunicação” na suas unidades escolares. O programa busca promover o protagonismo infanto-juvenil por meio das tecnologias da informação e da comunicação, como também colaborar com a integração entre alunos, professores e comunidade. Serão trabalhadas várias linguagens da comunicação como o jornal mural, blog, rádio, podcast, redes sociais, audiovisual. As aulas serão ministradas por profissionais da área da educomunicação oriundos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP e outras universidades.

Informações: www.usp.br/nce

Publicações

Reserva da Biosfera da Mata Atlântica



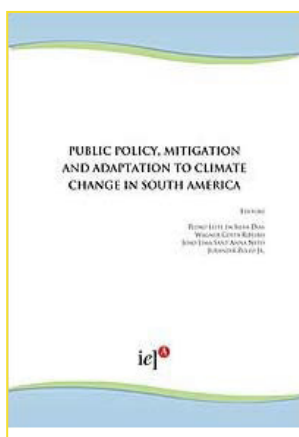
A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica através de seu Programa de Comunicação e Educação Ambiental produz vasto material de divulgação, como cartazes, folderes, livros, cartilhas, vídeos e publicações periódicas como a Série “Cadernos da RBMA” que, em 2004 completou 10 anos contínuos de publicação.

Os Cadernos da RBMA são distribuídos gratuitamente para Instituições envolvidas com a conservação e o desenvolvimento sustentável.

Você pode também acessar seu conteúdo e imprimí-los no site:

http://www.rbma.org.br/rbma/rbma_7_cadernos.asp

“Public Policy, Mitigation and Adaptation to Climate Change in South America”



Livro reúne colaborações dos participantes da III Conferência Regional sobre Mudanças Globais: América do Sul, realizada em novembro/2007. Gratuita e disponível apenas em formato digital, a obra aborda as mudanças climáticas sob quatro perspectivas: relações internacionais e políticas públicas, mitigação, adaptação e consequências aos sistemas naturais. Os editores são Pedro Leite da Silva Dias (LNCC/MCT e IAG-USP), Wagner Costa Ribeiro (IEA e FFLCH-USP), João Lima Sant'Anna Neto (FCT-Unesp) e Jurandir Zullo Jr (Cepagri-Unicamp).

Disponível em:

<http://www.iea.usp.br/cienciasambientais/climatechangeandsouthamerica.pdf>

Apostilas Programa “Da minha escola para a minha cidade”



“Da minha escola para a minha cidade” (original “ De mi Escuela para mi Ciudad”) é um Programa de Educação Ambiental Municipal adaptado ao mundo educacional. Oito anos se passaram desde que este programa começou em Segóvia, que alegou, entre outros objetivos, para ser uma reunião e iniciar um diálogo criativo entre a população mais jovem e o governo local, como uma formação para a participação na melhoria da cidade, uma ferramenta para “aprender a ser um cidadão”.

Durante esse tempo, foram criados vários materiais educativos:

“De mi Escuela, para mi Ciudad” (1998). Material de apoio para as aulas.

“Mapa Emocional de Segovia” (1998-1999). Materiais desenvolvidos por um grupo de professores e alunos. Por meio de uma imagem global e intuitiva da paisagem urbana, traz impressões, emoções e idéias dos jovens, e também expressa as próprias necessidades e experiências em relação ao ambiente urbano em que se desenvolvem as suas vidas .

Disponíveis em espanhol no endereço:

http://www.mma.es/portal/secciones/formacion_educacion/programas_ceneam/escuela_ciudad/publicaciones.htm

Lavouras de Destruição: a (im)posição do consenso



Organização: Althen Teixeira Filho

Pelotas, dezembro de 2009

A publicação busca lançar luzes e debater mais profundamente o atual modelo de exploração predatório; o resultado dos empreendimentos desumanos de grandes conglomerados da exploração do agronegócio, que buscam lucro sem considerar ou se importar com qualquer consequência.

Disponível em:

<http://centrodeestudosambientais.wordpress.com/2010/01/11/lavouras-de-destruicao-a-imposicao-do-consenso-2/>

Livreto: Mudando para um ambiente melhor



Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Agência do Cooperação Internacional do Japão - Jiica

No formato de revistinha, traz informações sobre as atividades econômicas ligadas às Lagoas dos Patos e Mirim, suas formas de uso e o comprometimento destas pela exploração do homem.

Disponível em: <http://centrodeestudosambientais.files.wordpress.com/2009/10/livreto-mar-de-dentro.pdf>

EcoFont

A Advocacia-Geral da União adota em todos os seus computadores a EcoFont, estilo de fonte desenvolvida especialmente para economizar tinta nas impressões. A iniciativa está descrita no sítio www.ecofont.eu. Trata-se de fonte Open Source, sem restrições comerciais de uso. Pode ser usada em PC's e MAC's.

A idéia foi a de incluir pequenos círculos dentro dos traços que formam as letras, que não são preenchidos com tinta quando impresso o documento. A fonte tem uma proporção diferenciada (o tamanho 10 da EcoFont equivale ao tamanho 12 da Times New Roman).

Testes conduzidos pela Gerência de Tecnologia da Informação da AGU demonstraram que na impressão praticamente não há perda de qualidade (embora na tela as diferenças sejam minimamente perceptíveis). Aferições precisas indicaram os seguintes resultados:

Fonte	% da área coberta com tinta
Arial, 11	12,9
Times New Roman, 12	10,7
EcoFont, 10	9,5

*as fontes foram ajustadas em tamanhos equivalentes.

Nota-se que, em relação à fonte Arial, tamanho 11, a EcoFont, tamanho 10 (dimensões equivalentes), utiliza aproximadamente 26% a menos de tinta. Em comparação com a fonte Times New Roman, tamanho 12 (a mais comumente usada), a economia chega a 12%, o que pode significar, somente para a AGU, algo em torno de meio milhão de reais de economia por ano, além dos evidentes ganhos sob o ponto de vista ambiental.

Se você deseja tornar a EcoFont a fonte padrão do seu aplicativo acesse: www.agu.gov.br/ecofont

Jornal A Margem



O informativo é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda e traz informações sobre o Baixo São Francisco – seu rio, sua gente e sua cultura.

A distribuição é gratuita para escolas públicas e associações.

Para receber o informativo é necessário entrar em contato com a Sociedade Canoa de Tolda pelo endereço R. Jackson Figueiredo, 9 – Mercado, CEP: 49995-000, Brejo Grande/SE, tel/fax (79) 3366 1246 ou pelo endereço eletrônico www.canoadetolda.org.br

<http://meuvelhochico.blogspot.com/>

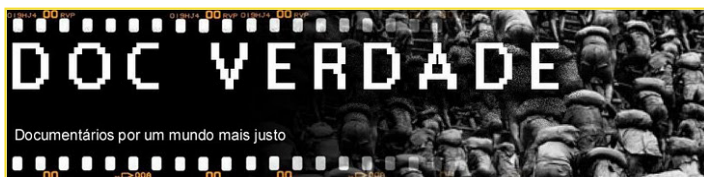
Cursos gratuitos na FGV!

A Fundação Getúlio Vargas é a primeira instituição brasileira a ser membro do OCWC (Open Course Ware Consortium), o consórcio de instituições de ensino de diversos países que oferecem conteúdos e materiais didáticos de graça pela internet.

Para ter acesso ao que o FGV Online oferece a você nesse Consórcio, veja as opções no site; <http://www5.fgv.br/fgvonline/CursosGratuitos.aspx>

Em caso de dúvidas, consulte a página de Dúvidas Frequentes - <http://www5.fgv.br/fgvonline/faqOCW.aspx>

Blog: Doc Verdade



O DOC VERDADE traz diversos documentários das mais diferentes nacionalidades e tratando de todos os assuntos.

Indica-se:

Flow: Pelo Amor à Água - Flow: For Love of Water (2008)

Neste Chão Tudo Dá - Semeando Conhecimento e Colhendo Resultados (2008)

Levante sua Voz (2009)

El futuro de la comida (2006)

Acesse: <http://www.docverdade.blogspot.com/>

Site Breathingearth.net

Ao passar o mouse por cima de cada país, site indica quantos nascem e morrem a cada instante, mostra a população de cada país e as emissões de CO2. É impressionante o movimento na China e na Índia. Se verificarem bem, constatarão que a população da Europa não se consegue substituir. Em contrapartida, a África e a Ásia não param de aumentar.

Clicar no link abaixo: <http://www.breathingearth.net/>

Vídeo animação:

A Ilha “É necessário sair da ilha para ver a ilha.

Não nos vemos se não saímos de nós” José Saramago



Criado e dirigido por Alê Camargo, com produção de Mário Lellis e Roger Burdino. O curta-metragem em 3D foi realizado pela 3ª turma da Oficina de Animação da OZI (Escola de Audiovisual de Brasília), entre março e junho de 2008.

O curta mostra a história de um garoto, um rapaz preso numa ilha. Mas não é uma ilha-ilha que estamos acostumados. Ele não está sozinho, mas ao mesmo tempo nunca esteve tão sozinho. Lutar não será suficiente, como ele sairá dessa enrascada? Ação, mistério e uma pitadela de humor de um naufrágio em uma ilha moderna.

Acesse: <http://smellycat.com.br/2009/04/16/a-ilha/>